

POR UMA VISÃO DISCURSIVA DO FENÔMENO DA HESITAÇÃO

Julyana Chaves NASCIMENTO¹

Lourenço CHACON²

- RESUMO: Partindo de questionamentos ao modo como a literatura trata o fenômeno hesitativo, defendemos, neste trabalho, a hipótese de que as hesitações funcionariam como marcas de momentos de tensão entre elementos lingüístico-discursivos. Buscando confirmá-la, analisamos material extraído de sessões de conversação de um sujeito com doença de Parkinson e de um sujeito sem patologia neurológica. Verificamos, nos vínculos entre as marcas de hesitação e os trechos de fala que a elas se relacionavam: (a) se ocorria contenção da ou abertura para a deriva; (b) se as ações sujeito-língua ocorriam antecipadamente ou reparando a deriva; e (c) se as tensões predominavam no eixo sintagmático e/ou paradigmático da linguagem. Essa observação permitiu-nos conjecturar: (I) que, no processo hesitativo, podem figurar uma contenção da deriva e/ou uma abertura para a deriva; (II) que as hesitações se constituem em pontos de deriva/ancoragem de ações sujeito-linguagem de reparação e/ou antecipatórias; (II) que subsistemas lingüístico-discursivos funcionam sob diferentes relações de predominância no acontecimento do fenômeno hesitativo.
- PALAVRAS-CHAVE: Hesitações; discurso; doença de Parkinson.

Apresentação

Em revisão sobre pesquisas que se ocupam do fenômeno hesitação (NASCIMENTO, 2005), observamos que grande parte dos autores aponta para uma distribuição não aleatória do fenômeno hesitativo e destaca sua determinação multifatorial. Sobre esse segundo aspecto, dentre os fatores que determinariam o aparecimento de hesitações, encontramos menções: a questões emocionais e à atividade reflexiva (memória) e articulatória em Goldman-Eisler (1956); a

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos – UNESP – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – 15054-000 – São José do Rio Preto – SP – Brasil. Endereço eletrônico: jchavesn@yahoo.com.br

² UNESP – Faculdade de Filosofia e Ciências – Departamento de Fonoaudiologia – 17525-900. Bolsista CNPq – Processo 350328/2004-8. Apoio CNPq – Processo 401675/2004-1. Endereço eletrônico: chacon@marilia.unesp.br

questões cognitivas, formais e interacionais em Marcuschi (1999a e b); a questões interacionais, emocionais (*stress*) e de planejamento em Levin e Silverman (1965); a questões de planejamento e desempenho linguístico em Scliar-Cabral et al (1994); e a questões como a própria realização motora da fala (*slips of tongue*) em Ragsdale e Sisterhen (1984).

Destacamos, ainda, algumas outras contribuições da literatura para o estudo das hesitações. Uma delas se refere à relação estabelecida – especialmente por Tannenbaum, Williams e Wood (1967) – entre a maior ocorrência de hesitações e o que esses autores interpretam como *aumento da demanda cognitiva*. Além dessa relação com aspectos mentais, as hesitações, enquanto lapsos da mente, segundo Nooteboom (1980), denunciariam aspectos do controle mental da fala e não teriam um funcionamento somente segmental. Ou seja, elas estariam relacionadas a outros fatores linguísticos, não exclusivamente ao segmental, como destacou Taylor (1969) sobre a influência da determinação tópica sobre a ocorrência das hesitações. Ainda quanto às contribuições da literatura sobre o fenômeno hesitativo, para Voss (1979), o processo de decodificação (e talvez o de codificação), não sendo linear, seria similar a um processo de escolhas entre a projeção do ouvinte e a informação acústica do dado. No que se refere às hesitações agora como marcas das escolhas dos falantes, Jernudd e Thuan (1983) relacionam esse fenômeno à solução/resolução da negociação de normas específicas, culturalmente definidas e mais ou menos permanentes, normas essas que implicariam a negociação do significado, questão que se aproxima à proposta dos autores brasileiros, especialmente os de orientação textual-interativa, no estudo das hesitações.

Mas, para além dessas considerações, que – certamente – contribuíram para mobilizar nossa reflexão, e a despeito da fundamental diferença de orientação entre as formas de abordagem das hesitações (algumas delas destacadas acima), apontaremos, a seguir, alguns fatores que, a nosso ver, aproximam esses estudos, mais tradicionais, sobre hesitação. Com efeito, eles podem ser aproximados na medida em que neles:

- (1) as hesitações são vistas como descontinuidades linguísticas, analisadas prioritariamente em relação a aspectos formais e/ou funcionais da linguagem;
- (2) é estabelecida uma relação muito próxima entre o que seria um planejamento cognitivo da linguagem, enquanto estrutura, e as hesitações;
- (3) não são problematizadas as relações entre (diferentes) funções e (diferentes) marcas de hesitação, uma vez que não se explicitam as (diferentes e complexas) formas de conexão entre funções e marcas.

Além dessas semelhanças, os enfoques sobre o fenômeno hesitativo tendem, ainda,

a se aproximar por se centrarem na materialidade da linguagem, o que lhes permite concebê-lo como um produto dos esforços cognitivos de um sujeito pragmático.

No entanto, alguns estudiosos vêm propondo uma outra forma de abordagem para o fenômeno hesitativo,³ na medida em que buscam observá-lo de uma perspectiva enunciativo-discursiva.⁴ E é justamente nessa perspectiva que o presente estudo pode ser enquadrado. Assim, com base em subsídios teóricos da Análise do Discurso de linha francesa – doravante AD –, nosso estudo tem como proposta levantar mais argumentos a favor da hipótese de que as hesitações não se reduziriam a marcas lingüísticas, mas, antes, se caracterizariam como um processo (marcado lingüisticamente) de natureza enunciativo-discursiva.

Para tanto, no item **Hesitações como ponto de deriva/ancoragem do dizer** apresentaremos alguns conceitos da AD que nos fornecerão suporte para nossa compreensão do fenômeno hesitativo. Em seguida, em **Sobre os dados**, descreveremos o *corpus*, os dados e a forma de análise proposta para esses últimos. Por fim, na sessão **As relações A-H-B e as tensões da língua marcadas na materialidade do discurso**, com base na análise de alguns dados, buscaremos confirmação empírica para nossas hipóteses sobre o funcionamento discursivo das hesitações.

Hesitações como ponto de deriva/ancoragem do dizer

Em trabalho publicado no Brasil em 1990, Authier-Revuz trata de aspectos do enunciado, considerado não do ponto de vista de sua materialidade, mas do ponto de vista de sua constituição dialógica, tal como o concebe Bakhtin (2000). Como se sabe, para Bakhtin, no curso da atividade dialógica, um locutor termina seu enunciado para dar a palavra ao outro, para dar lugar à compreensão responsiva ativa do outro. Desse modo, como atitude responsiva, o enunciado deve ser considerado como uma resposta a enunciados anteriores dentro de uma dada esfera da comunicação humana (ou, como preferimos, no interior de um “campo discursivo”). Assim, “cada enunciado é um elo na cadeia muito complexa de outros enunciados” (BAKHTIN, 2000, p.291), ou, em outros termos, cada enunciado, já em si mesmo, é repleto de reações-resposta a outros enunciados. Conseqüentemente, para esse autor, os enunciados são marcados pela ressonância longínqua da alternância dos sujeitos falantes, pelos matizes dialógicos e pelas fronteiras tênues entre si, permeáveis à expressividade do locutor.

Ressonâncias (mostradas) dessa concepção bakhtiniana de enunciado

³ Por exemplo: Oliveira e Chacon (1999), Chacon e Schulz (2000), Nascimento (2000), Chacon (2002), Zaniboni (2002), Oliveira (2003) e Nascimento (2005).

⁴ Ressalte-se que a abordagem enunciativo-discursiva tem como ponto de partida um questionamento já sugerido pelos estudos textuais-interativos sobre as hesitações: poderiam elas ser compreendidas como um processo?

podem ser encontradas também em Authier-Revuz (2004). Com efeito, para a autora, “nenhuma palavra é neutra, mas, inevitavelmente carregada, ocupada, habitada, atravessada pelos discursos nos quais viveu sua existência socialmente sustentada” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p.27) – o que significa, para essa autora, atribuir à linguagem um caráter de heterogeneidade (constitutiva e mostrada).

No que mais de perto diz respeito a nossa discussão sobre o fenômeno da hesitação, vamos destacar o que essa autora define como heterogeneidade mostrada. Esse tipo de heterogeneidade refere-se às formas pelas quais o sujeito inscreve o outro (lingüísticamente) na seqüência do discurso, ou, em outras palavras, refere-se às formas lingüísticas de representação de diferentes modos de negociação do sujeito falante com uma heterogeneidade constitutiva – não diretamente apreensível ou identificável – do discurso. Essa inscrição lingüística do outro seria possível pelo fato de que “[...] a estrutura material da língua [...] permite que, na ‘linearidade’ de uma cadeia, se faça escutar a polifonia não intencional de todo discurso através da qual uma análise pode tentar recuperar os indícios da pontuação do inconsciente” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p.35).

Tais considerações de Authier-Revuz (1990) fornecem-nos um importante contraponto às abordagens mais tradicionais do fenômeno da hesitação – na medida em que, nesse tipo de abordagem, as hesitações são vistas como marcas de formulação (ou marcas de problemas de formulação) no texto oral, ou seja, são vistas como descontinuidades. Assim, contribuições dessa autora (de modo mais particular) – mas também de Bakhtin (2000) e de Pêcheux (1990, 1997a e b) – permitem-nos conceber o fenômeno hesitativo como um tipo de marca, no fio do discurso, em sua materialização lingüística, da negociação do sujeito da enunciação com os múltiplos outros constitutivos de sua produção discursiva. Dito de outro modo, ao assumirmos essa perspectiva, as hesitações seriam, portanto, (mais) uma forma de heterogeneidade mostrada.

Compreendidas, pois, dessa maneira, as hesitações não se reduziriam a indícios de descontinuidade do fluir temático – como se pode depreender do modo como os estudos mais tradicionais enfocam esse fenômeno. Enfocá-las por esse prisma, a nosso ver, é negligenciar a complexa natureza e constituição do discurso, circunscrevendo-o ao que seria um de seus aspectos, o da superfície lingüística. Assim, na perspectiva que vimos assumindo, tanto os momentos considerados como de fluência quanto aqueles considerados como de disfluência corresponderiam, então, a diferentes modos de negociação do sujeito com os outros que o constituem, em diferentes graus de complexidade.

É com base nessa perspectiva que acreditamos poder repensar os fenômenos hesitativos tão freqüentes na atividade verbal. Passaremos, a seguir, a descrever

as especificidades de nosso *corpus* para, mais diante, podermos efetuar uma análise de hesitações explicitando seu funcionamento discursivo.

Sobre os dados

Os dados que serão usados para o desenvolvimento deste trabalho constituem um recorte dos dados apresentados e analisados em Nascimento (2005). Especificamente, iremos analisar trechos de uma amostra de conversação de um sujeito parkinsoniano (J.) e de uma amostra de um sujeito sem patologia neurológica (V.).⁵ Os sujeitos selecionados foram aproximados por serem do mesmo sexo (masculino), estarem na mesma faixa etária (J. com 76 e V. com 63) e apresentarem um grau aproximado de escolaridade (J. tendo cursado oitava série e V., sexta série).⁶

Note-se que usamos dados de linguagem extraídos de contextos patológico e não patológico. Esses uso se deve à nossa compreensão de que ambos os contextos podem se constituir em lugares interessantes para a observação de fatos de linguagem. Ressaltemos, entretanto, que apenas quando necessário faremos considerações sobre a especificidade do funcionamento das hesitações no parkinsonismo.

Como, para nós, as marcas de hesitação corresponderiam a pontos de negociação dos sujeitos com seus *outros* discursivos, ao delimitarmos os trechos com marcas de hesitação, recortaremos, como dados de análise, não só as marcas hesitativas (**H**) em si mesmas, mas também as porções de conversação que as antecipam (**A**) e que as sucedem (**B**), e que com elas diretamente se relacionam – do mesmo modo como o faz Nascimento (2005).

Aproveitaremos desse estudo de Nascimento também a caracterização que essa autora faz, com base na observação de movimentos de sentido envolvidos no fenômeno hesitativo,⁷ de dois funcionamentos bastante peculiares a

⁵ O parkinsonismo é uma das principais afecções neurológicas presentes em idosos (BARBOSA, 1989). Segundo a literatura especializada, essa afecção decorre de alterações progressivas ao nível do sistema extrapiramidal e núcleos da base (MACHADO, 1993), acometendo principalmente o sistema motor. Grande parte dos autores que tratam do parkinsonismo (BARBOSA, 1989; LIMONGI, 2001; MACHADO, 1993; MONTEIRO, 1997; SILVA, 1984) concorda que os tremores, a acinesia – distúrbio caracterizado por pobreza de movimentos e lentidão na iniciação da execução de atos motores voluntários e automáticos, associada à dificuldade de mudanças de padrões motores – e a rigidez de movimentos compõem o quadro clínico sintomático básico da doença de Parkinson. Essa literatura aponta também para alterações cognitivas e para alterações de linguagem provocadas pelo parkinsonismo.

⁶ As sessões de conversação variaram de trinta a quarenta minutos cada e foram registradas por um gravador SONY, tipo DAT, modelo TCD-D8, acoplado a um microfone SONY, modelo ECM-MS957. Nas gravações, observa-se como fio condutor uma atividade discursiva não-controlada, que buscou deixar os sujeitos em questão o mais próximo possível de situações comuns de conversação.

⁷ Em Nascimento (2005), movimentos de sentido equivalem a diferentes sentidos que estão em jogo e se entrelaçam na produção de um texto conversacional – idéia que assumiremos aqui neste nosso estudo.

esse fenômeno: seu envolvimento em situações enunciativo-discursivas de **especificações** e de **tropeços**. Em comum a ambos os funcionamentos, verificam-se situações que apresentam uma manutenção na orientação semântica do sentido.

Em nossa análise, também de acordo com Nascimento (2005), cada um desses funcionamentos será caracterizado quanto: (a) à efetivação de uma contenção da ou de uma abertura para a deriva; (b) às ações sujeito/língua, antecipadas ou de reparação, em relação à materialização de pontos de deriva; e, (c) à predominância das tensões em relação aos eixos sintagmático e/ou paradigmático da linguagem. A respeito dessas tensões, lembremos que é em virtude da insistência do *outro* como lei nos espaços discursivos que o trabalho de formulação do texto se faz numa dupla tentativa: a de “controlar, através de mecanismos lingüísticos adequados, a dispersão, que ameaça – na enunciação – a unidade [desse] texto; e por outro lado, [a de] procurar mecanismos de ancoragem [...]” (TFOUNI, 2005, p.3).

Assim, observaremos em (a) se as hesitações estão em momentos em que os significados/significantes foram controlados ou se elas estão em momentos em que, apesar dos “esforços” do sujeito,⁸ há um deslizamento dos significados/significantes. Em (b) caracterizaremos as ações sujeito/língua como ações que efetivamente controlam a deriva e ações que “reparam” a direção do dizer uma vez que a deriva tenha se estabelecido. Por fim, para a observação das predominâncias das hesitações em eixos – aspecto (c) –, vamos nos apoiar na sugestão – possível a partir de uma releitura discursiva das idéias de Saussure (1979a e b) e de Jakobson (1975) – de um funcionamento enunciativo-discursivo calcado em um eixo paradigmático (associativo, baseado em similaridades) e em outro sintagmático (seqüencial, baseado na concatenação de elementos lingüísticos).

De acordo com Saussure (1979a e b) e com Jakobson (1975), a produção da fala (para o primeiro) ou da mensagem (para o segundo) supõe uma concorrência e uma concatenação de unidades lingüísticas, ou seja, uma seleção de certas unidades e sua combinação em unidades maiores. Assim, nessa perspectiva, quem usa a linguagem teria em sua memória “uma reserva (na forma de recordações concretas)” de representações pré-fabricadas. E é assim que, por meio de um “sistema latente”, os indivíduos realizariam a operação de “[...] eliminar mentalmente tudo quanto não conduza à diferenciação requerida no ponto requerido [...]” (SAUSSURE, 1979b, p.151) para o estabelecimento da continuidade dos enunciados que produzem. Inspirando-nos (discursivamente) nesse modo

⁸ Note-se que o termo “esforços” não se refere a uma ação consciente do sujeito sobre a língua. Exatamente por isso definimos esse aspecto como “ação sujeito/língua”. Desse modo, pretendemos salvaguardar o ponto de vista em que o sujeito é efeito do discurso e, ao mesmo tempo, provoca, em alguma medida, efeitos no discurso.

de conceber a atividade da linguagem é que propomos observar as hesitações (também) conforme a predominância de seu funcionamento num ou noutro eixo, ou, de modo mais ou menos equilibrado, nos dois eixos – contanto que se ressalte que, para uma releitura discursiva dessas seleções e combinações, elas não seriam completamente livres, ou, em grande medida, escapariam ao controle dos falantes, já que seriam determinadas pela relação que o sujeito estabelece, na produção do discurso, com os *outros* constitutivos dessa produção.

Mas como os *outros* possivelmente detectáveis numa produção discursiva transcenderiam (e em muito!) os propósitos de nossa análise, realizaremos um recorte dos *outros* que poderiam estar em tensão na ocorrência de uma marca hesitativa – mesmo porque seria impossível esgotar os *outros* que atuam numa produção discursiva. Dada essa limitação constitutiva de nosso objeto, selecionaremos como um *outro* prioritário a própria *língua* em seus subsistemas semântico, sintático, morfológico e fonológico.

As relações A-H-B e as tensões da língua marcadas na materialidade do discurso

Entendendo as marcas hesitativas como um lugar em que o sujeito se ancora na tentativa de controlar a deriva em seu dizer – ou, em outras palavras, se ancora na tentativa de conter *outros* não “pretendidos” em seu dizer –, com base em dados nos quais se observa uma manutenção de orientação semântica, buscaremos caracterizar as hesitações conforme esses “*outros-língua*” se deixem entrever ou efetivamente se mostrem na materialidade do discurso, marcando uma atitude do sujeito e marcando-se por uma atitude do sujeito.⁹

Para a caracterização dos quatro primeiros dados abaixo, lançaremos mão da seguinte fórmula interpretativa: **A** corresponde a um trecho do enunciado que antecede a ocorrência de uma marca de hesitação (**H**) e **B** ao trecho que se segue a essa marca, tal que **H** estaria indiciando uma relação significado/significante **A-B**.

Consideremos o trecho de conversação abaixo:¹⁰

⁹ Aqui, tomaremos como dados, conforme havíamos adiantado, somente alguns exemplos de especificações (caracterizadas por uma relação **A-B** tal que o termo **B** complementa o termo **A**) e alguns exemplos de tropeços (caracterizados por uma relação entre os termos **A** e **B** tal que **B** se constitui por segmentos fonológicos, incluindo aí seu componente cognitivo e seu componente motor, que se mostram em tensão em **A**).

¹⁰ **V.** se refere ao sujeito não parkinsoniano e **J.** ao sujeito parkinsoniano. Os números se referem meramente a uma sequência organizacional para a exposição dos trechos apresentados na análise. Os trechos grifados se referem aos dados que serão analisados. Por fim, os elementos em negrito correspondem às marcas de hesitação: “::” representa alongamentos hesitativos, “+” representa pausas hesitativas e “/” representa interrupções.

Trecho V.-1

1 **L.** foi alfaiate também?

2 **V.** fui alfaiate + eu fui alfaiate de:: cinqüenta a sessenta + de sessenta a sessenta e

3 sete + eu fui bancário

4 **L.** verdade o senhor trabalhou no banco + tinha esquecido disso

5 **V.** [trabalhei sete anos num banco + depois:: +

6 desliguei do banco + mon/ comprei um restaurante + tive esse restaurante até setenta

7 ++ e três + sempre tocando pistão + né + paralelo ao trabalho + depois entrei numa

8 empresa de gás + trabalhei alguns anos na empresa de gás também +

Nesse segmento de conversação, os termos da fórmula interpretativa (**A-H-B**) são:

na linha 2:

A = “eu fui alfaiate de”

H = “**de::**” (o alongamento em **de**)

B = “cinqüenta a sessenta +”

e nas linhas 6 e 7:

A = “+ tive um restaurante até sessenta”

H = “++” (pausa que interrompe constituinte sintático)

B = “e três +”

tal que **A** e **B** estão, conforme antecipamos, num mesmo movimento semântico – mantém-se o tema “profissão” em foco. **H**, ponto que deixa entrever a concorrência de elementos lingüísticos (*outros-língua*) num mesmo eixo paradigmático (intervalo de décadas, no primeiro caso; anos, no segundo caso), ao mesmo tempo em que aponta para essa concorrência, antecipa e garante, como lugar de ancoragem na progressão do eixo sintagmático, a seleção de apenas um único elemento desse eixo, **B**.

Há, então, para esses dois exemplos:

- (a) contenção da deriva. Relacionada ao alongamento na linha 2 e à pausa na linha 6, encontramos somente uma possibilidade discursiva materializada, ou seja, quanto às inúmeras possibilidades de definição de temporalidade relacionadas à profissão de **V.** (décadas e anos), uma única escolha se materializa em **B**, a saber, “cinqüenta a sessenta”, no primeiro caso, e “e três”, no segundo;
- (b) ações sujeito/língua antecipatórias. Dado que, como fruto da contenção da deriva, somente um elemento discursivo (referente a um período de tempo,

na linha 2, e a um tempo mais pontual, nas linhas 6 e 7) concretizou-se lingüísticamente, podemos afirmar que, ao mesmo tempo em que a hesitação funcionou, nesse exemplo, como ponto de deriva da língua sobre o sujeito (já que é capturado neste ponto por elementos lingüísticos em concorrência), funcionou também como ponto de ancoragem do sujeito sobre a língua (já que este se antecipa ao deslize do dizer, impedindo-o).

- (c) predominância de funcionamento no eixo paradigmático. Consideramos, para tanto, que os *outros-língua* que, provavelmente, concorrem para ocupar a posição definida como **B**, nos dois casos apresentados, são possibilidades léxico-semânticas de definições temporais. Diríamos que há, no desenrolar do movimento semântico “profissões de **V**.”, eixos que relacionam elementos de (mais de uma forma de) temporalidade. Haveria, portanto, uma série de elementos lingüístico-discursivos passíveis de marcar uma relação entre “profissões de **V**.” e tempo. Lembremos, para continuar essa argumentação, que teorizamos que as hesitações se constituem em lugares de negociação do sujeito com os *outros* do discurso. Assim, nos exemplos, embora não sejam mostrados quais desses elementos relacionados num mesmo eixo paradigmático léxico-semântico estão em concorrência, essa concorrência se deixa entrever de algum modo, já que vem marcada pela ocorrência do alongamento e da pausa.¹¹

Nos trechos **J.-1** e **J.-2**, observaremos uma relação **A-H-B** semelhante à descrita acima:

Trecho J.-1

- 1 **L.** o senhor nunca fez outro tipo de atividade assim? porque o seo C. disse que fazia::
2 como é que fala? + fazia esporte + nadava + o senhor não fazia nada disso?
3 **J.** nunca +++
4 **L.** nunca nunca?
5 **J.** nunca porque na:: na:: bom na infância + eu morei na:: na lavoura né + até **os:: dez**
6 anos

Trecho J.-2

- 1 **L.** a T. é mineira e o senhor?
2 **J.** sou de Colina
3 **L.** Colina?
4 **J.** São Paulo
5 **L.** fica perto da onde?
6 **J.** m::ais perto **de::** Barretos ++ Bebedouro

¹¹ Outros elementos, de natureza lingüística ou não, poderiam e poderão estar em relação de tensão nas hesitações analisadas. Não apontaremos esses “*outros*” por dois motivos: (1) nosso recorte se foca nos *outros-língua*; e (2) não detectamos indícios, na materialidade discursiva, de quais seriam esses possíveis *outros*.

nas linhas 5 e 6 do trecho **J.-1**, temos

A = “eu morei na:: lavoura + até os”

H = “**os::**” (o alongamento em **os**)

B = “dez anos”

já na linha 6 do trecho **J.-2**, os termos são

A = “m::ais perto de”

H = **de::** (o alongamento em **de**)

B = “Barretos”

No exemplo retirado de **J.-1**, também se mantém a direção do dizer, ou seja, mantém-se o movimento de sentido “atividades rotineiras”. Há, portanto, contenção da deriva coadunando com ações sujeito/língua antecipatórias. Entre os elementos que poderiam ocupar a posição **B**, que remete à idade até a qual **J.** trabalhou na lavoura, somente “dez anos” se materializa. Outras formas concorrentes nessa posição **B** (nove anos? oito anos? dez anos?...) estariam em tensão, marcada pelo alongamento, que funciona como lugar de ancoragem e, portanto, de contenção da deriva.

A explicação para o dado do trecho **J.-2**, embora possa se assemelhar à explicação fornecida para os exemplos anteriores, merece atenção particular. Consideremos que “Barretos” e “Bebedouro” sejam duas das possibilidades mnemônicas relacionadas paradigmaticamente no eixo das cidades próximas a Colina. Observemos, no segmento sublinhado, o alongamento em **de (::)** e a pausa longa (++) . Se considerarmos como dado apenas “m::ais perto de:: Barretos”, veremos, no alongamento em negrito, um momento em que as ações sujeito/língua efetivamente contêm a deriva, ou seja, momento em que, a despeito da tensão predominantemente paradigmática, os *outros-língua* não se materializam. Mas, se considerarmos toda a estrutura “m::ais perto de:: Barretos ++ Bebedouro”, outro tipo de interpretação seria possível: o que se materializou em **B** (Barretos) foi justamente a deriva, já que a escolha pretendida era “Bebedouro”. Refuta-se uma escolha – que efetivamente expõe a deriva – por outra. Nesse ponto, escancara-se, pois, uma tensão entre elementos paradigmaticamente relacionados não apenas por proximidade léxico-semântica, mas também por proximidade fonético-fonológica. Com efeito, em termos léxico-semânticos, “Barretos” e “Bebedouro” são, ambos, elementos linguísticos relacionados por se referirem a cidades geograficamente próximas tanto uma da outra quanto próximas a Colina. Mas esses elementos se aproximam também por uma semelhança de segmentos consonantais (/b/, /t/, /d/) e de segmentos vocálicos (/e/, /o/) que os colocariam num mesmo eixo associativo.

Assim, a nosso ver, esse exemplo é particularmente interessante na medida em que

permite detectar, no funcionamento das hesitações como pontos de deriva/ancoragem no eixo paradigmático, não apenas aspectos léxico-semânticos, mas também aspectos fonológicos em jogo (em concorrência) numa mesma ocorrência hesitativa.¹²

Passemos, a seguir, para a consideração de outras possibilidades de interpretação dos mecanismos hesitativos.

Trecho V.-2

- 1 L. o senhor tocava só no carnaval?
2 V. não já toquei em orquestra + tive conjunto um bom tempo
3 L. o senhor chegou tocar na orquestra daqui da prefeitura?
4 V. [CHEGUEI + não na sinfônica não + eu toquei na
5 orquestra aqui Orquestra Para Todos + era do meu amigo Reinaldo hoje já falecido +
6 então mas uma orquestra completa com quatro saxs três trombones três pistões +
7 cantor + ritmo + violão na época né + contrabaixo + antes + de ter o
8 L. [ãh]
9 denorex + o teclado que parece que é mas não é + né + então sempre na música +
10 agora + eu f/ tive que fazer uma pequena cirurgia né + quatro safena + e uma
11 L. [nossa]
12 mamária + e estou tirando umas férias da música (...)
13 L. [mas já faz três anos que o senhor fez a cirurgia
14 não faz? (...)
15 V. [três anos que eu fiz a safena +
16 mas eu tive dois infartos nesse tempo né

Para o preenchimento da fórmula **A-H-B**, tomaremos, a partir desse ponto, **A** como um elemento fonético-fonológico não necessariamente materializado imediatamente antes de **H**, mas que, de algum modo, encontra-se presente no trecho selecionado; e **B**, como uma espécie de “alvo” das ações sujeito-linguagem, cuja concatenação envolve o(s) elemento(s) fonético-fonológico(s) em causa em **A**. Assim, em **V.-2** acima, temos:

- A** = fricativas (em “falecido”, “safena”, “férias”, “faz”, “infarto”)
H = “f/”
B = “tive que fazer uma pequena cirurgia né +”

em que **H** se configuraria como marca de um deslize, já que ocorre num lugar

¹² Esses dados nos alertaram para uma possibilidade à qual a literatura linguística que trata do estudo das hesitações não tem atentado (ou dado destaque): hesitações relacionadas a elementos fonético-fonológicos. Essa literatura se centra na observação de uma relação do fenômeno hesitativo principalmente com aspectos lexicais e sintáticos.

anterior à seqüência pretendida (**B** = “tive que fazer...”). Há, desse modo, em **H**, a materialização de um “*outro-língua*” possível (“**f/**”) e já antecipado em **A**; portanto, a atitude sujeito/língua mostra-se por contornar/reparar (em **B**) o que seria uma seleção fonético-fonológica não pretendida. Nesse caso, entendemos o fonema /f/ como uma das possibilidades paradigmáticas (**A**) que, selecionada, é substituída também (ou principalmente) por afetar a concatenação sintagmática pretendida em **B**. Vemos, pois, que esse tipo de dado não caracteriza um funcionamento predominantemente paradigmático (como nos exemplos anteriores), mas sim um funcionamento que aponta tanto para seleções quanto para concatenações não pretendidas.

Situação semelhante pode ser vista a seguir:

Trecho V.-3

- 1 **L.** no caso o pai a mãe do senhor deixava:: (...)
- 2 **V.** deixava com autorização de pai e mãe com o:: autorização judicial +
- 3 que quatorze anos não podia e não ficava + na noite né +
- 4 então catou o mesmo juiz de direito + **q/ t/** quatorze anos + quinze anos eu trabalhei
- 5 com + com:: autorização do juiz de direito +
- 6 agora depois:: já era outro juiz aí não precisou mais
- 7 **L.** aí o senhor já era amigo dele

No trecho acima, **H** corresponderia ao deslize “**q/ t/**”, na linha 4. Os segmentos fonético-fonológicos em tensão (**A**) seriam oclusivas (posterior e anterior coronal) presentes no trecho em questão, como “quatorze”, “catou”, “direito”, “quinze”, “trabalhou”, dentre outras palavras. O “alvo” (**B**) seria “quatorze”, na linha 4, de cuja concatenação essas oclusivas participam.

A = oclusivas (em “quatorze”, “catou”, “direito”, “quinze”, “trabalhou”)

H = “**q/ t/**”

B = “quatorze”

Desse modo, em **H**, vemos elementos paradigmáticos que devem ser escolhidos e concatenados em **B**, mas cuja concatenação escapa ao controle do sujeito (ou seja, vemos um ponto em que a deriva se escancara e mais de uma possibilidade fonético-fonológica de captura pela língua).

Também podemos observar situação semelhante nos dados do trecho **J.-3** que se segue:

Trecho J.-3

1 + Marília tem s/ quarenta e cinco mil prédios +

2 como é que pode ter:: cem cento e cinqüenta mil veículos? êh ++ mas era era era

3 cho- chocante viu ++ mas eu ch - cheguei lá + hoje eu não tenho (nenhuma vontade

4 de:: vontade de)

na linha 1:

A = /s/

H = “s/”

B = “quarenta e cinco mil prédios”

nas linhas 2 e 3:

A = /j/

H = “era era cho-”

B = “chocante viu +”

e na linha 3:

A = /j/

H = “ch-”

B = “cheguei lá +”

Diferentemente do que vimos ao tratarmos dos dados extraídos dos trechos **V.-1**, **J.-1** e (em parte) **J.-2**, verificamos, nos dados extraídos de **V.-2**, **V.-3** e **J.-3**:

- (d) abertura para a deriva. Os momentos de deslizamentos verificados nesses trechos efetivamente escancararam os elementos fonético-fonológicos em concorrência nos pontos de hesitação;
- (e) ações sujeito/língua reparatórias. Dado que a deriva marcadamente se instalou, mais de uma possibilidade do eixo paradigmático se mostrou no eixo sintagmático. Assim, a hesitação funcionou, nesse exemplo, como ponto de abertura da língua para o sujeito (já que se deixa capturar, nesse ponto, por elementos lingüísticos em concorrência), sem que tenha podido se antecipar ao deslizamento, impedindo-o. Restou-lhe reparar os efeitos dessa abertura da língua na enunciação do elemento **B**;
- (f) predominância de funcionamento no eixo sintagmático. Consideramos, para tanto, que os *outros-língua* mostrados em **H** indiciam uma concatenação problemática para o sujeito na enunciação de **B**.

Em síntese, nesses casos, as hesitações marcam-se como segmentos fonético-fonológicos que, ao deslizarem para a materialidade lingüística,

além de iniciarem uma concatenação problemática, mobilizam uma ação reparadora em **B**. Um fator que interpretamos como peculiar a essas hesitações (talvez por configurarem predominantemente tensões fonético-fonológicas) refere-se a um foco de tensão mais pontual no subsistema fonético-fonológico da língua: aquele de uma possível dificuldade de coordenação dos movimentos envolvidos na fala – especialmente no caso do sujeito **J**. (parkinsoniano). Isso porque, nos casos acima, observamos fenômenos hesitativos em consoantes – fato curioso, já que a literatura destaca a ocorrência desses fenômenos somente em vogais – e deslizes – marca para a qual não encontramos referência na literatura.¹³

Considerações finais

As particularidades de cada um dos modos de funcionamento explorados em nossa análise somente nos interessam aqui na medida em que nos permitem, além de responder afirmativamente à possibilidade de atribuímos às hesitações um funcionamento (também) discursivo, levantar elementos para a construção de um quadro mais geral do funcionamento das hesitações – tarefa, no entanto, fora de nossos propósitos neste estudo.

Foram dois tipos de relações **A-H-B** mais ou menos estáveis que observamos na análise acima. No primeiro grupo, os *outros-língua* em tensão eram predominantemente elementos léxico-semânticos relacionados na memória; no segundo, os *outros-língua* eram, predominantemente, elementos fonético-fonológicos – inclusive sua contraparte motora.¹⁴

Apesar de focalizarmos esses funcionamentos hesitativos apenas em relação aos subsistemas da língua que privilegiamos, não poderíamos excluir a atuação de outros subsistemas lingüísticos na ocorrência das hesitações. Ocorre, entretanto, que nem sempre será possível localizar, na estrutura material da língua, indícios da atuação de todos os elementos lingüísticos.¹⁵ Assim, quando nos referimos a um funcionamento cuja tensão é predominantemente léxico-semântica ou fonético-

¹³ Esse argumento toma-se pertinente uma vez que parte dos dados de análise foram retirados de conversação de sujeito parkinsoniano. No que diz respeito à linguagem, segundo Robbins, Longemann e Kibshner (1986), as alterações de fala estão presentes em mais de 92% dos parkinsonianos. Essas alterações de linguagem, para a literatura biomédica, devem-se prioritariamente a alterações de aspectos motores da fala.

¹⁴ Há provavelmente, para os dois grupos, embora não tenhamos explorado, uma contraparte cognitiva concorrendo para o aparecimento de hesitações. Um dos fatores que nos levam a considerar essa contraparte é o relato de que o parkinsonismo afeta a cognição – em especial a memória (LIMONGI, 2001). Outro fator, constatado por Nascimento (2005), é a ocorrência de um maior número de hesitações numa amostra de conversação de parkinsonianos se comparada com uma amostra de fala de sujeito sem patologia neurológica.

¹⁵ Observe-se, a propósito, que, no dado retirado do Trecho **V.1**, por exemplo, a ocorrência da pausa, além de se vincular ao aspecto semântico, pode ser remetida ao aspecto sintático, já que ocorre numa juntura sintática.

fonológica, não estamos negando a atuação de fatores morfológicos, sintáticos ou prosódicos, por exemplo.

De qualquer modo, acreditamos ter fornecido elementos para se pensar que as hesitações, ao se constituírem num processo discursivo, o da negociação sujeito/língua com os *outros* do discurso, funcionariam, de modo mais geral, como possibilidades de:

- (a) contenção e/ou abertura para a deriva;
- (b) ações sujeito/língua antecipatória ao e/ou reparatória do deslizamento do dizer; e
- (c) mobilização de elementos lingüístico-discursivos no eixo das similaridades e no eixo das contigüidades.

NASCIMENTO, J. C.; CHACON, L. Towards a discursive approach of hesitation phenomenon. *Alfa*, v.50, n.1, p.59-76, 2006.

- *ABSTRACT: From questions about the way Linguistics literature deals with hesitation phenomena, we hypothesized that hesitations would work as marks of moments of tension among linguistic-discursive elements. On this article, trying to give theoretical and methodological sustentation to this hypothesis, we analyzed data of conversation sessions two subjects: one with Parkinson's disease and other without neurological pathology. The subjects were close in age and had similar school education. Based on the relationship between the hesitation marks and some sections of speech involved with them, we verified: (a) if a 'contention of' or an 'opening for' deviation would happen; (b) if the involved tensions prevailed in the syntagmatic and/or paradigmatic axis of the language; and, (c) if the actions related to subject/language happened in advance or to correct the materialization of deviation. By means of this observation we, then, concluded that: (I) the hesitation process can show points where meaning/form are contained and/or meaning/form get deviation direction; (II) the hesitation constitute a deviation/anchor point of repair and/or anticipatory actions of subject/language; (III) the linguistic-discursive sub-systems work by different relations of predominance in the hesitation process.*
- *KEYWORDS: Hesitation; discourse; Parkinson's Disease.*

Referências bibliográficas

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, n.19, p.25-42, 1990.

_____. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: _____. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre:

EDIPUCRS, 2004. p.11-80.

BAKHTIN, M. M.. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p.277-326.

BARBOSA, E. R. Parkinsonismo. *Revista Brasileira de Neurologia*, [São Paulo], v.25, p.27-32, 1989.

CHACON, L. Relação entre aspectos motores e cognitivos nas dificuldades de linguagem de Parkinsonianos. *Veredas*, Juiz de Fora , v.6, p.141-152, 2002.

_____; SCHULZ, G. Duração de pausas em conversas espontâneas de parkinsonianos. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, n.39, p.51-71, 2000.

GOLDMAN-EISLER, F. The determinants of the rate of speech output and their mutual relations. *Journal of Psychosomatic Research*, London, v. , p.137-143, 1956.

JAKOBSON, R. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: _____. *Lingüística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1975. p.34-62.

JERNUDD, B. H.; THUAN, E. Control of language though correction in speaking. *International Journal for the Sociology of Language*, v.44, p.71-97, 1983.

LEVIN H.; SILVERMAN, I. Hesitation phenomena in children's speech. *Language and Speech*, [S.l.], v.8, p.67-85, 1965.

LIMONGI, J. C. P. Principais sintomas, causas e formas clínicas. In: _____. (Org.) *Conhecendo melhor a Doença de Parkinson: uma abordagem multidisciplinar com orientações práticas para o dia-a-dia*. São Paulo: Plexus, 2001. p.13-35

MACHADO, A. B. M. *Neuroanatomia funcional*. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 1993.

MARCUSCHI, L. Atividades de compreensão na interação verbal. In: PRETI, D. (Org.). *Estudos de língua falada*. São Paulo: Humanitas, 1999a. p.15-45.

_____. A hesitação. In: NEVES, M. H. M. (Org.). *Gramática do português falado: novos estudos*. Campinas: UNICAMP/FAPESP, 1999b. p.159-194.

MONTEIRO, W. *Doença de Parkinson: manual para parkinsonianos e seus familiares*. 2.ed. Presidente Prudente: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e UNOEST, 1997.

NASCIMENTO, J. C. *Hesitações na atividade verbal de sujeitos parkinsonianos: relatório final de Iniciação Científica*. UNESP, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2000 (FAPESP processo 99/12850-0).

_____. *Fenômeno hesitativo na linguagem: um olhar para a doença de Parkinson*. 2005 158f. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) -

Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2005.

NOOTEBOOM, S. G. Speaking and unspeaking: detection and correction of phonological and lexical errors in spontaneous speech. In: Fronkin, W. (Ed.) *Errors in linguistic performance: slips of the tongue, ear, pen and hand*. New York: Academic Press, 1980. p.87-95.

OLIVEIRA, E. C.. *Um estudo comparativo do funcionamento das pausas na atividade verbal de sujeitos parkinsonianos*. 2003. 177f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2003.

_____.; CHACON, L. Aspectos prosódicos da fala de sujeitos parkinsonianos. *Alfa*, São Paulo, v.43, p.203-228, 1999.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. São Paulo: Pontes, 1990.

_____. Análise automática do discurso. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997a. p.61-161.

_____. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997b. p.163-252.

RAGSDALE, J. D.; SISTERHEN, D. H. Hesitation phenomena in the spontaneous speech of normal and articulatory-defective children. *Language and Speech*, v.27, p.235-44, 1984.

ROBBINS, J. A.; LOGEMANN, J. A., KIRSHNER, H. S. Swallowing and speech production in Parkinson's disease. *Annals of Neurology*, v.19, n.3, p.283-287, 1986.

SAUSSURE, F. de. Relações sintagmáticas e relações associativas. In: _____. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1979a. p.142-147.

_____. Mecanismo da língua. In: _____. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1979b. p.148-155.

SCLIAR-CABRAL, L.; RODRIGUES, B. B. Discrepâncias entre a pontuação e as pausas. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, n.26, p.63-77, 1994.

SILVA, A. B. Doença de Parkinson e demência. *Revista Brasileira de Neurologia*, Brasília, v.20, p.95-98, 1984.

TANNENBAUM, P. H.; WILLIAMS, F.; WOOD, B. S. Hesitation phenomena and related encoding characteristics in speech and typewriting. *Language*

and Speech, v.10, p.203-15, 1967.

TAYLOR, I. Content and structure in sentence production. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*, v.8, p.170-175, 1969.

TFOUNI, L. V. Letramento e autoria: uma proposta para contornar a questão da dicotomia oral/escrito. *Revista da ANPOLL*, n.18, p.127-141, 2005.

VOSS, B. Hesitation phenomena as sources of perceptual errors for non-native speakers. *Language and Speech*, v.22, p.129- 44, 1979.

ZANIBONI, L. F.. *Função das pausas na atividade discursiva de sujeitos com doença de Parkinson*. 2002. 138f. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2002.